



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI — N.º 427 — Preço 1800
23 DE JULHO DE 1960

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

PRESENÇA

Parece que foi ontem e já lá vão quatro anos. Aos olhos dos homens que não têm fé, a vida do Gigante findou naquela hora. Mas os que acreditam no Espírito sabem que começou na morte a sua Vida. Pai Américo vive. Vive em Deus e na obra que Deus lhe inspirou. Vive nos gaiatos, vive nos doentes do Calvário, vive nos pobres e vive em todos os que acreditam na sua Vida.

A Obra da Rua começará no dia da minha morte, profetizou o Homem de Deus. E em todos os momentos desta pequena história de quatro anos, nós constatámos a veracidade e certeza da sua convicção.

Há dias visitaram-nos pessoas amigas e de certa posição social. Quiseram ver tudo na nossa vida franqueada. No fim, só afirmaram: Sente-se aqui bem a presença do Padre Américo em tudo. Ontem, um distinto oficial de alta patente do nosso Exército quis passar por nossa casa à hora do almoço. Com toda a simplicidade, sentou-se num dos bancos à mesa e comeu da mesma sopa do panelão e do conduto do tacho grande. Nós não contávamos e este Senhor Amigo também não quis nada diferente. Saboreou muito a nossa boroa e até as ameixas, que tanto lhe souberam, foram do tabuleiro que o chefe andava a distribuir, pois têm sido em abundância na nossa quinta. No fim, levantou-se e quis dizer umas palavrinhas aos rapazes. Palavras de testemunho da sua gratidão. Afirmou que, infelizmente e por deficiência da educação, não era muito crente, mas o exemplo de Pai Américo tinha-o arrastado e apaixonado a fazer sempre o bem e aproximou-o mais de Deus.

Deus na Sua Providência, tem, em cada momento próprio, suscitado homens à altura. Cada época da História tem tido o seu homem. A nossa época é a do social. Pai Américo é o pregoeiro desta Doutrina.

As várias correntes liberais do século passado arrastaram o homem ao esquecimento do outro homem. Mais do que o esquecimento é o desprezo em que se veio a cair. A justiça não tinha lugar na sociedade e a Caridade, virtude teológica, foi abandonada. O homem deixou de se julgar filho de Deus e por isso irmão do outro homem, para ser o mero indivíduo da sociedade. O coração deixou de trabalhar na inteligência e as obras deixaram de ter amor.

Deus descobriu, no meio dos homens, um tesoiro que estava escondido e plasmou-lhe um coração grande. Pai Américo tinha um coração sem fronteiras. Um apaixonado por tudo o que é de Deus nos homens.

Em 1955, ele afirmava no Coliseu do Porto: é o coração que mata a gente. É o coração que move as grandes obras. Foi o coração que arrastou Cristo à morte por nosso amor. É o coração que opera todas as maravilhas de amor. O que não for do coração fenecerá. Nem discursos, nem congressos, nem paradas, nada. Nada vale. Mesmo que pareçam valer, este valor é dos homens que as fazem. Acabam com a sua passagem. O que se faz por Amor fica. A Obra da Rua começará no dia da minha morte, porque obra de Amor.

Padre Horácio

Cantinho DOS RAPAZES

O coração batia mais forte, quando pisei o aeroporto de Luanda. Havia cerca de uma hora que sobrevoávamos terra nossa, à velocidade de 450 km. por hora, e ainda aquela faixa não representava senão a quarta parte da costa angolana. Para a esquerda do avião, um mundo que se estende por mais de 1.000 km., sob a nossa bandeira. A gente aprende na escola primária que Angola é 14 vezes maior que o Portugal europeu; mas, só à vista, se começa a realizar a ideia da dimensão.

Vim pensando em vós, naquela hora, e meditando nas grandezas que Deus fez para o homem e este não tem tido o senso de agradecer e aproveitar. Os homens acumulam-se e acotovelam-se em espaços restritos, lutando penosamente pela vida. Fala-se de espaço vital e da mingua dele. Fala-se da limitação das reservas alimentares para a Humanidade. E o homem cai na tentação de opor os seus interesses aos do seu vizinho, tomando-o por um rival que pode chegar à meta primeiro do que ele. E julga resolver os seus problemas atraíndo-o, eliminando-o da corrida, para que seja ele só.

Que diabólica ilusão! Que trágico sabor deve encontrar o homem nos imensos bens de que se achou único senhor, à custa dos que ficaram no caminho, impedidos de chegar à posse do que Deus lhes destinava! É o homem «lobo do homem».

Mas Deus não quer assim. E o homem jamais será feliz assim. Deus quer o homem irmão do homem. O remédio não está em opor interesses e lutar por eles até à extinção do mais fraco. O remédio está em darem as mãos os homens, uns aos outros, para poderem abraçar, em roda de família, os bens imensos—tantos quantos serão precisos ao homem, em cada momento da sua vida—que Deus criou para eles, para todos eles, a quem quer por filhos e de quem só deseja ser recebido por Pai.

Tamanha esta nossa terra de Angola! Tão pequenino esse corredor ocidental da Europa, onde tantos irmãos nossos subvitem em multidão que se aperta e não encontra acesso aos bens de que precisa e a que tem direito e de que Deus lhes reservou quinhão, na totalidade dos bens que criou para todos e cada um dos homens que vem a este mundo! E, aqui, é um mundo teoricamente nosso; virgem de uma fecundidade ignorada; mas que, já naquela fertilidade conhecida, seria capaz de alimentar a multidão que aí se aperta inútilmente, desesperadamente.

Mas esta ocupação exige sacrifício. Há pão para todos (sempre haverá da parte de

Deus!) mas ninguém é liberto do suor com que o há-de comer. Muitos têm falhado, aqui, pela miragem mesquinha—digo mesmo: demoníaca—de um paraíso terreal, em que os bens venham ter connosco, sem os procurarmos. E caem em miséria maior, porque jamais colherá quem não semeou; e a alegria e a fartura da colheita exige as lágrimas e o esforço da sementeira!

Em África, tudo se vê e se sente numa escala de grandeza. Aquela imensidão de terras virgens e preches de promessas, a pedir fecundação, ocupava o meu pensamento, nas maravilhas de Deus. E d'Ele eu descia até vós, meus filhos em Seu Nome, e vinha desejando-vos grandes no espírito de sacrifício, na coragem, na honestidade, no amor ao trabalho, capazes de, à semelhança dos heróis de outra, realizardes a vossa vida, e mais a vossa missão na vida, ajudando a tornar nossas, efectivamente, aquelas terras que o mapa marca como pertencendo-nos.

Pobres

Quem entra o portão da nossa Aldeia, aos domingos, encontra, sentada à sombra de uma das árvores da avenida, a Tia Bárbara mai-las cestas que ela vai confeccionando, com todo o carinho, nas suas horas vagas. Está ali, desde o tempo de Pai Américo. Vem um visitante e lá vai uma cesta como recordação, a troco de uns magros tostões. É pobre. Vive sozinho. O dinheiro do seu negócio não dá para nada, de pouco rendoso que ele é e não tem outros fundos. Se ao menos tivesse força nos braços para pegar numa sachola e ir para os campos. Todos os meses tem de pagar a renda da casa onde vive. Todos os dias tem de comer e o corpo agasalhar. Para tudo isto é preciso dinheiro. Não é muito, bem sei. Mas para quem nada possui... é uma fortuna.

E onde ir buscar os 300\$00 anuais para a renda de casa, mais para o comer e vestir? Todos os dias 8 de cada mês, nos bate à porta por uma parte deles.

Assim dividida pelos doze meses que tem o ano, a renda não custa tanto. E leva também alguma coisa mais para o comer, quando não come connosco. No lugar onde vive, todos a conhecem. Há os que possuem bens de fortuna, em abundância, de mistura com os que vivem do dia a dia.

Ora, há uma pergunta que não deixamos de fazer nunca a quem nos procura, pedindo auxílio:—se já pediu outras ajudas na freguesia onde vive.

Graças a Deus, algumas respostas são consoladoras e podem ser consideradas como sinal de uma vida cristã autêntica que tem por seiva a Caridade alimentada pela virtude da Fé. Outras, porém, deixam-nos profundamente tristes, porque reveladoras de uma vida cristã deformada, estéril que é mais ocasião de afastamento dos que estão de fora do que motivo de atracção. Como se alguém pudesse viver no Amor de Deus, sem o Amor do próximo.

continua na página três

Poderíamos calar aquilo que nos dão. Não façam referência nenhuma no jornal — é recomendação frequente no final das cartas acompanhadas de generoso auxílio. É o receio de que a vaidade entre a estragar o que foi dado com recta intenção. É uma resposta ao barulho, ao reclame de certas generosidades que gostam de se fazer acompanhar do toque das trombetas.

Foi no primeiro domingo de Julho deste ano. Mais uma vez, cumprindo uma tradição que já vem do tempo de Pai Américo, esteve em nossa Casa o pessoal da Fábrica Portuense de Tabacos do Porto. Um grupo simpático pela sinceridade do seu afecto pela Obra da Rua. Vieram trazer-nos, além do seu carinho, a quantia de 3.076\$60, produto da recolha feita nos

mealheiros instalados nas várias oficinas daquela Fábrica. São migalhas — dizem — dadas por quem, com sacrifício e trabalho, nem sempre devidamente compensado, ganha honradamente o seu pão.

Há pouco tempo ainda, passaram por uma provação bem dura. Que Pai Américo, lá do Céu,

os proteja e faça com que desapareça para sempre a incerteza do pão de cada dia que muito e muito os fez sofrer. A campanha dos mealheiros tem dado resultados consoladores. Vejam: desde 1951, já conseguiram amealhar 41.057\$60. São um exemplo. Migalhas que não fazem falta a quem as deixa e são muito para quem as recebe todas juntas.

Vem uma viúva tomar o lugar de seu marido com os 20\$ habituais. De Ilhavo um pouco mais. Pessoa Amiga de Newark manda 2 dólares. De mistura com estes grãos, 6 notas de mil de Lisboa. Mais 50 também de Lisboa. 20 de uma promessa de 100 paga às prestações. De um Senhor Engenheiro não sei de onde 140\$. Todos os meses tem marcado presença. «De um Amigo do Porto» por intermédio de uma Amiga de Lisboa, 100\$. Metade do primeiro ordenado do filho. De Tortozendo uma pulseira de ouro. Num peditório do Teatro de Avintes, 172\$00.

Estamos em época de excursões. Paço de Sousa é ponto de passagem obrigatório. Operários e operárias da Fábrica de Conservas Unitas, de Matosinhos, deixam 50\$00. Em «O Comércio do Porto» 110\$00. Esta delicatéria: — Mais uma migalhinha. Somos pai, mãe e filhos. Pedimos saúde nas vossas orações.

A mesma lição de Manuel Teixeira da R. da Corticeira: — «Junto envio a minha cota mensal de 20\$ e mais 20 porque continuo a ter mais trabalho».

Uma Licista de Aveiro promete vir todos os meses com os mesmos 20\$. Uma promessa de 100 a cumprir todos os meses. O bilhete vem assinado: «Alguém que sofre, quando os outros se não entendem».

Os funcionários da J. N. da Marinha Mercante unem-se e mandam a cota do mês de Maio — 106\$00. O dobro da Maria do Céu. 500 de M. A. a dividir por Paço de Sousa, Calvário e Miranda do Corvo. O pessoal da Mobil Oil é de uma persistência extraordinária — 53\$50. Vem agora, de Lisboa, «o primeiro aumento da minha pensão de aposentada». Os 50 do costume dos «dois amargurados».

Há nomes, nesta coluna, a que estamos habituados de há muito. Se faltam não nos passam despercebidos. Às vezes é o esquecimento. Aqui está uma Senhora de Lisboa que manda 100\$ para a mãe «que só dá pão ao filho quando barrega». Da R. Oliveira Monteiro 5 vezes mais de um casal muito unido. São as entrelinhas que o dizem. E alguém acrescenta 50.

Há os que se atrasam por qualquer motivo e dão-no depois todo junto. Veio um vale de 300\$, contribuição de seis meses. É uma imposição voluntária. Outra que se atrasou e paga

100\$ de Janeiro a Junho, à razão de 20\$ por mês. Isto é sublime.

Os Pobres do Barredo continuam a ser lembrados — 600\$ de um Senhor do Porto. De A. G. os 70\$ do costume. Uma mãe, num momento de aflicção por doença da filha, manda, em acção de graças, 2 fatos muito bons e que tanto jeito nos fazem.

De Miramar, um cheque de 600\$. Mais sacrifício. Uma operária tira 20\$ do seu magro ordenado e dá-no-los. Outra faz o mesmo. E um anónimo de Tazem — 200. De Angola, 7.500\$. Uma oração de mãe aflita pela sorte

de seus dois filhos. E 400 em vale de correio de Ermentão. Da R. de S. Brás, Porto, 20\$ e um relógio. Várias notas de 20, 50, 100. É a Avó de Moscavide. É um casal que pede pela saúde de sua filhinha.

Roupas: meias e camisolas de um armazém de Proença-a-Nova; 2 gabardines de Castelo Branco. Dois fatos, da Covilhã e mais roupas de Lisboa. O pessoal da Casa José Vale, Vieira e Silva e Armazéns do Castelo estiveram cá e deixaram muito do seu carinho pela Obra e o que conseguiram amealhar.

Deixemos falar a juventude aos nossos jovens: «É com o maior prazer que venho, pela primeira vez à sua presença para tomar a liberdade de lhe enviar 50\$, pedindo o favor de lhe dar o destino que melhor entender. Aquele dinheiro sai do meu primeiro ordenado e só espero que Deus me permita sempre lembrar-me daqueles que precisam. Um rapaz amigo da Casa do Gaiato».

Padre Manuel António



Inovação no Calvário é a recente instalação sonora. A natureza dos doentes, uns carecendo de isolamento, outros de paz e ainda outros de distração amena, torna o ambiente naturalmente disperso e aparentemente dividido. No entanto, o espírito que os abriga é um só. O olhar que noite e dia vela solícito é o mesmo. A mão protectora que providencia é também a mesma. Há, pois, unidade, por detrás do vasto aglomerado, que a pequena aldeia do Calvário já constitui. Era, portanto, urgente fazer sentir aos doentes a unidade em que vivem, como membros sofredores do corpo místico do Senhor.

E com este sentido, há longo tempo alimentávamos desejo de os levar todos a rezar em conjunto; a irmanarem-se diariamente na oração, que é onde os homens mais podem unir-se, porque nela nos perdemos para sermos um só como quer o Mestre. Uns aqui, outros acolá, parecia difícil. Mas não. No espigueiro d'outrora, hoje capela acolhedora, os que podem andar rezam pela manhã e ao pôr do sol. E nos respectivos leitos, os doentes que não se erguem, respondem em coro por meio da nova aparelhagem sonora.

Deste modo, todos sentimos mais realmente que estamos unidos e em Quem o estamos.

Em maré de novidades, não podemos esquecer os coelhos do Ti Lobato. Anda ele a ver se atinge a centena. Tem andado perto. Mesmo à beira. Mas creio bem que há-de ser difícil, visto que o nosso talho abastece-se na coelheira semanalmente.

Quem havia de dizer que um homem já idoso, trémulo e arrimado à bengala, tem forças precisas para cegar erva, carregá-la aos ombros e desta maneira alimentar lentamente largas dezenas de coelhos?

Quantos pesos mortos na Nação, que, em ambiente propício, deixariam de pesar para, em contrapartida, servirem de benefício! É a experiência quem no-lo ensina. De facto parece mais fácil e cómodo deixar o lixo nas ruas. Mas temos que suportar o mau cheiro e tropeçar nele.

Outra novidade. O Ti Freire foi pescador. Cego que aqui chegou, agora vê. Ora que mais desejava ele tornar a contemplar do que o espectáculo dos peixes na água! Pois já os tem pertinho, junto à cabeceira. Ocupar os sentidos com coisas sadias é contribuir para o bem dos indivíduos.

E com os peixes veio também um casal de canários cantadores. É outra distração de alto valor para quem vive preso ao leito. Ora esperamos por mais aves e mais peixes e outras coisas que suavizem as horas dolentes do Calvário.

A natureza é o melhor tonificante. O ar puro, coado pela vegetação mimosa, varre da imaginação os pensamentos sombrios; as cores vivas das flores inspiram-nos o sentido do belo e elevam-nos acima de nós próprios.

Ora é com este intuito que vamos ajardinando o ambiente. Os obreiros assíduos são os de dentro. Snr. Carvalho anda de tesoura e gadanha na mão. Snr. Daniel de mangueira em punho. E no silêncio dos dias a vegetação cresce, a paisagem torna-se cativante e este poiso mais aprazível. Dá gosto sentarmo-nos nos bancos de granito para reavermos a paz que o mundo afadigado nos rouba. E isto é o Calvário.

Padre Baptista

Ordins, R. da Caridade, 16

Ainda não será desta vez que passaremos a outra dependência da Casa de Jesus Misericordioso. Tínhamos ficado no escritório. É local fresco. Sabe bem estar lá, nesta época de sol ardente. A sua porta está aberta, para servirmos nossos irmãos em tudo o que precisarem, exigindo-lhes cooperem na sua promoção. Breve, um rancho chilreante de crianças, umas 16, irá até à praia retemperar as forças, em contacto com os ares salinos do mar. São vinte dias de sonho.

As casas de Jesus Pobre merecem também a nossa devoção. Continuo por lá a acção de graças depois de Missa, visitando os Pobres, os artistas, as obras. Telhar, forrar, soalhar, dividir, abrir janelas. A sala era dormitório de toda a família, por vezes numerosa, sob um tecto colmado. O povo admira-se das casas divididas. O espaço parecia pequeno. Foi um milagre fácil, que o pedreiro encheu de luz, rasgando janelas, nos compartimentos que as não tinham. São três casas em reparação e uma construída de raiz, com cozinha, três quartos e sala. As últimas contas acusam, em números redondos, uma dívida de 8 contos. E é preciso continuar. Se há por aí algum milionário de coração maior que a sua fortuna, apareça por Ordins. Os seus capitais terão aqui óptima colocação.

Querendo Deus, na próxima vez, visitaremos o consultório médico. Agora, o leitor aguarde. Tenha paciência. As nossas cadeiras velhas e emprestadas, estão ao seu dispor. Poderá sentar-se um pouquinho. Tenhamos, porém, cautela, pois também em Ordins é verdade que pagará no vo quem velho quebrar...

A campanha dos selos continua. Porto traz 15\$ «esperando voltar a aparecer mais vezes, com a nossa pequenina contribuição». De «Uma que lê «O Gaiato» de fio a pavio», 17\$00. Até o Algarve apareceu. Vila Real de Santo António trouxe 10 selos de 5\$. De Matosinhos, o assinante 550 com «mais 5\$00, desejando-lhe rápidas melhoras». O Porto trouxe o dobro, com esforço: «é pouco mas também sou pobre». De uma Dulce 20. Deixo para o fim «A primeira Maria», com sua carta a escaldar, ou não fosse ela a primeira a abrir este cortejo de pequeninas renúncias. «Envio mais 4 selos, é pouco bem sei, mas acredite que os tiro do pão de cada dia». Oh heroísmo, que o Senhor há-de premiar!

A Casa de Jesus Misericordioso também foi lembrada. Uma «Mãe amiga» de Ilhavo, pedindo uma Avé-Maria pelos seus filhos, trouxe 20\$. Outro tanto da Póvoa de Varzim, «para que o Senhor tenha compaixão de mim e me dê meios de vida, que, apesar de ser uma pessoa já de bastante idade, ainda tenho necessidade de trabalhar para viver». E também esta Maria «já de bastante idade» que ainda necessita «de trabalhar para viver» se lembrou com 7 selos da campanha dos ditos! Quanto de heróico, meu Deus, descobre o amor nas almas dos humildes! Há cartas que fazem estremecer!

As últimas contas apresentam uma dívida de,

24.589\$40

Gaiato

BELEM

Era já noite dum dia de inverno, quando eu entrei em casa, com ela pela mão. O pequeno grupo das que já estavam, saudou-a de braços abertos, como se, pelas janelas da varanda envidraçada, entrassem os primeiros raios solares de manhã primaveril:

— Ai, que menina tão linda a nossa mãe nos trouxe!

Já ouvi dizer que a pequena, com todos os seus encantos, não dá senão pálida ideia da beleza daquela que lhe deu o ser. A beleza é um dom de Deus. Gesto traidor o daqueles que dos mesmos dons lançam mão para ofender o Doador. Seduzida por um dos patrões da casa onde estava a servir, de lá trouxe este primeiro fruto do seu pecado. Filha de gente pobre mas honesta, o seu mau passo espantou os estranhos e encheu de vergonha a família. Esta considerou ponto de honra desprezá-la, cortar relações com ela. É solução radical que está muito na moda. Têm-na adoptado as famílias mais distintas, sem excluir as cristãs e praticantes. No entanto, se fomos ao fundo da verdadeira razão do gesto, não encontramos mais que egoísmo e ausência do verdadeiro amor de família, que é abnegado e sempre disposto a sacrifício.

A infeliz, sacudida da casa onde fora seduzida, e pouco depois com a filhinha nos braços, deve ter passado, como tantas outras enganadas, horas bem amargas e difíceis, sem canto onde se abrigar, nem meio de ganhar o seu sustento. E aconteceu o inevitável, porque a situação era humanamente impossível de sustentar e os caminhos de heroísmo são privilégio de poucos. Apareceu um dia instalada num quarto, por conta doutro.

A pequenita, já com seis anos feitos, continuava a dormir com a mãe, que não havia outra dependência nem outra cama. Quando acontecia acordar a horas inconvenientes, a mãe batia-lhe para que dormisse. Além disso, enervava-se muito com ela, porque esperava outro filho e estava convencida de que a primeira era um obstáculo ao seu casamento com o pai do segundo.

Ora aconteceu que, passado pouco tempo, a família veio a saber que a pequena se encontrava em «Belém»... Aquela «Be-

lém» «muito falada» no «Gaiato»... etc., etc.. Até já «a fotografia da menina tinha saído no jornal!» «Vejam!» «Que sorte para ela!»...

E tudo mudou! Passados poucos meses, recebeu aqui uma cartinha dum tio, com grandes declarações de amizade e fazendo-lhe várias perguntas sobre o género da casa, as suas ocupações, etc.. Eu estava na cozinha, a dar os últimos preparativos ao almoço e li... Ela ainda não sabia ler e muito menos seria capaz de entender o sentido duma carta tão complicada. Porque qualquer criança só pode perceber o que é ou deve ser para ela

um pai, uma mãe, um tio, experimentando-o praticamente. A mão obedeceu ao meu primeiro impulso e, dentro dum segundo, a carta tornava-se cinza na fornalha do fogão...

Há pouco tempo ainda, alguém que vinha da terra onde ela tem uma tia trouxe-lhe, a pedido da mesma, uma linda caixa de bombons, com muitos beijinhos e saudades. Elas andavam então no recreio e eu pedi a essa pessoa que fosse ela mesma entregar-lha, explicando quem lha mandava.

Dentro em pouco, aí está ela, estendendo-me a caixa:

— Ai que lindos! Coma, coma!

— Quem tos deu?

— Foi aquele Senhor!

— Mas quem mandou?

— Não sei — e abriu muito os olhos inocentes, encolhendo os ombros.

— São bonitos, são e devem ser muito bons. Mas olha que não me apeteçam! Parece que tenho aqui um nó — e apontei a garganta.

— Então guarde para logo!

— Não, não! Olha! — e apontei-lhe as irmãs de infortúnio, que brincavam na mata.

Ela compreendeu e, em três pulos, ei-la junto delas, fazendo

a distribuição. Que alegria! O pior foi que, depois de tudo repartido, apareceu o «Pintainho» que vinha da cama e começou a chorar por não chegar a tempo. Ela não hesitou e meteu-lhe na boca um dos dois com que ficara.

Eu sei que estes dois tios são católicos praticantes e, no entanto, foi preciso que nascesse «Belém» para que esta inocente fosse, a tempo, arrancada do leito do pecado.

Tudo isto veio a propósito do que acaba de acontecer. Estava eu indecisa sobre o que escreveria para o próximo jornal, quando me entram pela salinha os dois grupos que vinham da venda do mesmo e a nossa heroína sai-se com esta:

— Minha mãe!, um Senhor fez-me festas e deu-me um beijo mas, ai! picou-me tanto!

O Senhor que teve a bondade de acariciar esta meiga criança, saiba que estes foram os primeiros carinhos paternos que ela conheceu!

Inês — Belém — Viseu

Filhos de Pai incógnito

Naquele dia fui à minha terra natal, por via da dor e da revolta sentida por não saborear os carinhos de Pai e por não o possuir perante a lei. Era eu um recluso da Prisão-Escola de Leiria, em regime de meia liberdade. Pedi autorização e fui. Fui, confiado em que o coração paterno não estaria totalmente frio para ouvir a voz da razão. Eu amava meu Pai e fui na mira de o chamar, de o acordar para o dever e para a responsabilidade. Para tal, levava comigo os anos de sofrimento nas prisões e a vergonha sentida, por não estar registado com o nome do autor da minha vida. Toda a minha dor se acumulava e fazia de mim um revoltado, perante os juizes que me condenaram, e os directores das cadeias, por onde passei.

Cheguei à porta da casa de meu Pai. Soube que ele estava doente e que naquele dia ia para um especialista do Porto. Pedi à criada que chamasse minha irmã, cujo nome indiquei. Ela foi dentro, e logo veio a esposa de meu Pai que me disse que ele não me podia atender, pois estava doente e que estava para ir para o Porto.

— Bem o sei, e por isso é que pedi para falar com minha irmã — respondi eu.

— Mas a menina f. também vai sair, e como tal não o pode atender.

Disse que esperava, ainda que soubesse que contrariava esta senhora.

Esperei junto à porta da casa que me devia abrigar. Meu Pai surge, agarrado à bengala e rodeado por minha irmã e por um sobrinho de meu pai. Ela professora na freguesia, ele advogado na comarca. Segui-os lado a lado, pois julguei que meu Pai ficasse para trás, para me ouvir. Tal não sucedeu, e tive que lhe pedir para lhe falar. «Não tenho nada que lhe falar», respondeu prontamente, sem perguntar sequer quem era a pessoa que lhe

falava. Para quê, se ele o sabia?

— Eu disse-lhe: Meu Pai, pode não me querer falar, mas eu é que tenho que lhe dizer das minhas dores e dos filhos a quem deu vida. Uma vida só matéria. Desde que a vossa paixão pecaminosa nos lançou ao mundo, não temos conhecido senão privações e dores. Privações, sabendo nós que o Pai é rico e que nos deixa com as dores da fome e da ignorância. Dores, porque o Pai não avalia o que se pode sofrer por causa do registo vergonhoso que temos. E disse então o que as minhas dores me ditaram. «Mulheres como aquela — referia-se a minha querida mãe — já há muito que não olho para elas».

Que dor neste insulto! Não pude conter-me e, chorando, disse-lhe que se alguma falta minha mãe cometeu, foi seduzida pela superioridade dele, senhor naquela terra. Disse-lhe que o seu poderio na terra servira para subjugar aquela vítima que carecia dos seus favores, porque era pobre e ele rico. Minha mãe rude, ele instruído. A sua primeira mentira foi dizer-lhe que a amava, para a ter ao alcance dos seus instintos pecaminosos. Mas se meu pai atribui culpas a minha mãe, não o pode dizer das vítimas nascidas. Não pode desprezar o filho que tanto anseia por sentir a sua paternidade.

Falei-lhe, até que a sua cólera transbordou. Virou-se para mim, de bengala no ar, e se não fosse minha irmã meter-se entre nós, ter-me-ia batido, como o fez quando eu tinha cinco anos, por lhe ter ido à porta chamar Pai. Podia bater-me, porque era meu Pai. Tive pena daquele rosto que assim se encolerizava, virado para o filho que tanto desejo tinha de se lhe lançar nos braços. Que rosto tão cruel eu vi em meu Pai, naquela hora! Nova-

continua na página quatro

Auto-construção

A fotografura publicada nesta secção do «Gaiato» deu uma ideia da característica especial deste empreendimento: o trabalho em grupo. Se muitas e muitas vezes, na vida, uns companheiros levam outros para a miséria e mesmo para o crime, também é possível que uns arrastem os outros para actos nobres e dignificantes. Diziam os jornais, há uns meses, que em muitos países estrangeiros e também numa ou noutra terra portuguesa, havia grupos de jovens malfeitores. Realmente o grupo

Os que assim pensam, enganam-se a si mesmos; e os que o dizem, são mentirosos.

Os pobres são as vítimas inocentes desta falsidade. E a Tia Bárbara é uma delas. Perguntando-lhe eu, há dias, se já tinha conseguido alguma coisa, na sua freguesia, principalmente à porta dos que possuem bens de fortuna, tivemos por resposta este desabafo: — *deixem em paz os da minha freguesia e façam vocês a caridade de me dar uma esmola.* Esta resposta é uma condenação daqueles junto de quem tem mendigado o sustento e o vestir. A paz de que fala, é falsa. É o mesmo que *comodismo, egoísmo, ausência de vida cristã.* Cada freguesia tem a obrigação de cuidar dos seus pobres. E quando não o puder fazer sozinho, então recorra a quem a possa ajudar.

É tão triste o fechar as portas sob o pretexto de que os outros é que têm obrigação de dar!

Que sentimentos de alegria não experimentamos todos os dias, quando temos ocasião de juntar o nosso óbolo a outros angariados nas freguesias. Trabalhar assim, é educar, é fazer cristandade. A doutrina do Corpo Místico de Cristo precisa de ser pregada e vivida em todas as comunidades paroquiais.

Padre Manuel António

encoraja. Uma criança, sozinho, nunca escarnece ninguém; em grupo já se atreve, com frequência, a meter-se com quem passa. A companhia afoitou-a. Sentiu-se mais forte, mais segura. Os grandes criminosos, por via de regra, agem em grupo. A história de todos os tempos e de todos os lugares atesta esta maneira de ser e de actuar. São as quadriplas.

Na solução dos problemas sociais, nomeadamente na construção de casas para trabalhadores pelos próprios trabalhadores, temos de jogar também com estes dados. Um dos meios de resolver o problema da habitação em Portugal será reunir em grupos o maior número de trabalhadores e ajudá-los a construir as suas próprias habitações. Agrupados sentir-se-ão muito mais fortes, muito mais competentes, com outras possibilidades. Os conhecimentos de um operário mais dotado irão beneficiar todos os restantes. Uns completarão os outros. Terá necessariamente que ser assim.

A fotografia ultimamente publicada no *Gaiato* é um duplo convite. Primeiro, um convite a muitos rapazes de Portugal a que se unam, a que procurem saber o que é e como é Auto-Construção, movimento em marcha lenta, mas que não deseja parar mais. Em segundo lugar, é um convite aos numerosos leitores deste jornal para a melhor compreensão deste problema e a certeza de que, ajudando Auto-Construção, estão a ajudar muitos jovens trabalhadores pobres a construir as suas próprias vivendas, duma maneira muito prática e muito humana.

(Toda a correspondência para: Auto-Construção — Aguiar da Beira).

Padre Fonseca

Pequenas despesas
e cimento 256\$30
24.845\$70

Do que os leitores me deram
e do que apurei com a venda de
materiais, que sobraram.
1.045\$20

Dívida 23.800\$50

Faço quanto posso, para que a maré desça. Breve, aparecerão as contas de carpinteiro, trolha, e pedreiro e a maré subirá. Mas prosseguimos, sem desfalecimentos, à espera de melhores dias.

Casa de Jesus Misericordioso
— Ordins — Lagares (Douro)

Padre Aires

Gaiato

00 em
ão. Da
e um
20, 50,
ide. É
úde de

plas de
-Nova;
Branco.
e mais
sol da
Silva e
iveram
eu cari-
nsegui-

ventude
com o
p, pela
ça para
enviar
lhe dar
ntender.
eu pri-
ero que
re lem-
recisam.
Casa do

António

16

os conti-
esperando
is vezes,
a contri-
te lê «O
, 17\$00.
eu. Vila
trouxe 10
inhos, o
ais 5\$00,
melhoras».
, com es-
nhém sou
20. Deixo
a Maria»,
r, ou não
abrir este
renúncias.
é pouco
e que os
, Oh he-
há-de pre-

ericordio-
da. Uma
, pedindo
eus filhos,
da Póvoa
o Senhor
nim e me
apesar de
bastante
necessidade
r». E tam-
le bastante
essita «de
se lembrou
ha dos di-
fício, meu
or nas al-
Há cartas

apresentam

24.589\$40

ato

CASOS DIA QUINZENA

Hoje domingo, todas as atenções convergiram para os do campo. É mais uma ninhada de cevados que o Senhor Padre Manuel António não se cansa de elogiar e as procições até à «maternidade» da lavoura não cessam...

— Que lindos!...
— Olha para as orelhitas daquele, aquele e aquele. Que engraçado!...

O Laranjinha que nos acompanhava, não podia ficar para trás: — Eles ainda não *falam*, pois não? Quando forem grandes o que são?

O Senhor Padre Manuel já lá fez mais visitas do que à Tipografia. Os tipógrafos até estão todos danados. O Senhor Padre Carlos, lá da longínqua África não se esquece também dos seus pintos e é por isso que a nossa lavoura, graças a esses despi-

contin. da página três

mente as lágrimas caíram pelas faces e os soluços ouviram-se. Minha irmã olhou as minhas lágrimas e disse-me: «Vá-se embora porque o Pai vai muito doente e estas coisas fazem-lhe muito mal. Procure-o noutra ocasião».

Vi-os entrar para o automóvel que os esperava; e vi-os afastarem-se. Então, fugi para o Mosteiro, porque a minha dor era profunda. Ali, sabia eu que encontraria a Paternidade. Só ali chamaria filho. Pude chorar e sabia eu encontrar Quem me encontrar conforto nessas lágrimas. Queixei-me da crueldade e da falta de Amor dos homens. Pedi Luz para abrigar dessa crueldade as vítimas que estão para nascer, e outras que, nascidas, vivem desprotegidas, envergonhadas e escoraçadas.

Fui de novo para Leiria, passando por Paço de Sousa, aonde o cabelo de Pai Américo se fez branco, por Amor daqueles que, sem pai, vagueavam pelo lixo da rua e pelas prisões. «Não há filhos ilegítimos... os pais é que o são» — diz ele no desfolhar da Luz que o fez Pai. Não são os inocentes que nascem e crescem desprotegidos, que se devem sentar no banco dos réus, a pagar as levandades do pai, que sai fora da Lei e segue impune, coberto por um punhado de terras que possui. «Tu acreditas que o Senhor f. se rebaixaria com esta pobrezita? — Não penses nisso, não liguês à queixa dela». É assim que se encobre a verdade, dentro deste ou daquele gabinete jurídico.

Quem dera que todos os responsáveis pudessem dizer com Pai Américo!... «Não há filhos ilegítimos... os pais é que o são».

Ernesto Pinto



ques, anda agora no bom caminho e ainda há-de dar mais.

O Peniche, o César, o Gatito, que tem sempre uma piada fina para estes grandes acontecimentos não se cansava de pedir vinho do Porto e doces, mas por esta vez ficamos em água de S. João que é muito fresquinha...

Marão. O «senhor Marão. É a personalidade que cá dentro mais amigos tem. Está velhote. É um *fidalgão* arruinado como alguns lhe chamam. Pois muito bem. O «senhor» Marão já não gosta de ficar ao relento. Mas nem o palheiro lhe serve. Trepa as escadas muito de vagar, como manda toda a sua categoria e vai deitar-se em uma cama de vago da Casa 3. Já vem de longe este costume. O chefe está distraído, os outros como são muito «amigos» e «caritativos», vão abrir a porta a quem não tem casa e fica resolvido o problema da habitação. E o mais bonito é que quem ousar pôr-lhe a unha em cima ver-se-á enrascado, pois ele faz-lhe logo umas carícias que muito bem sabe. Ora, o Marão, na realidade, é uma nota muitíssimo simpática e característica desta tão linda Aldeia, mas não pode ser assim. Cada coisa no seu lugar. De noite, que vá dar umas voltas pelas «suas» propriedades, quando não os seus castelos e brasões cairão em ruína.

Era uma destas tardes de lindo sol. Seus raios infiltravam-se por entre a verdura de nossos campos. Os do campo andam na faina da sacha. Além, um magote deles conversa animadamente. Ali, passa o Senhor Padre Manuel, Frei Simeão e o Senhor Engenheiro. Os dois primeiros de chapéu de palha, contemplam as belezas naturais que se deparam diante de todos. Gamões que se tiram e folhas das ramadas. Os legumes que nos vão alimentar. As águas do ribeiro que passa no meio. As árvores de fruto que estão carregadinhas. O agradável odor que de tudo imana. O amor que paira em cada esquina, à mistura com a doçura do cântico das aves. Em frente as laranjeiras da mata, as oliveiras... O milho à mistura com os batatais. Tudo isto cercado com um muro muitas vezes centenário coberto de eras, onde as abelhas, no seu constante trabalhar que é para nós uma grande lição, vão buscar o que há de melhor!

Tudo isto é o encanto da nossa quinta. Tudo isto são retalhos de vida quotidiana. Tudo isto o amor que anda no peito das gentes que não cessam de nos visitar e aqui deixam para sempre, preso o seu coração. Nas avenidas, construções de belo granito e de janelas rasgadas ao ar. Nos pequenos carreirinhos, em

todo este encanto, está a figura de Pai Américo que a todo o momento divisamos.

— Pai Américo fez-vos muita falta — dizem os visitantes amigos.

— Não, não fez.
— Não? — repetem muito admirados.

— Pois se Ele nunca de cá saiu. Continua permanentemente. Ama. Vive. Ri. Chora, canta!

Campanha. Voltamos à carga. E continuaremos até que o nosso objectivo seja atingido. Enquanto não tivermos os cinquenta mil, meus senhores, batemos à porta de «todo o mundo»! Não nos cansaremos nem calaremos enquanto cada lar português não tenha em sua casa o Famoso.

Queremos que «O Gaiato» penetre em todos os sectores da vida nacional e com a tua ajuda, leitor amigo, muito teremos a lucrar todos e o nosso objectivo será atingido, pois persistiremos sempre.

O Senhor Padre Carlos, mai lo Júlio que foram a África, têm mandado algumas e este ano queremos que todos os Portugueses, que longe do Continente lutam pela vida, tenham o seu auxiliar. O seu pequeno genuflexório. O seu conta corrente do balanço da sua vida. Portanto, Portugueses de África, do Continente. Portugueses de todo o mundo, vamos confraternizar todos e comungar do mesmo ideal. Vamos trabalhar. Vamos lutar. Vamos prós cinquenta mil!

Agora são as motos. As motos de pau. Delas. Mais delas. Sempre delas. Nelas e por elas é que há cabeças rachadas. Em cima delas é que se dão os desastres. Por elas, a concorrência ao hospital e a Senhora D. Sofia a desdobrar-se. Mas também são as mesmas motivo de muita alegria e contínua festa na mais linda aldeia de Portugal que a tornam, desta maneira, mais gaiata ainda!

SETÚBAL

A nossa casa esteve em festa no dia 1. Foi festa de anos. É que fez cinco anos que a nossa Casa abriu. Como não podia deixar de ser, não se trabalhou. Foi um dia de festa e festa rija. Até era para deitarmos foguetes, mas o nosso vizinho deitou-os por nós.

De manhã, foi a Missa cantada e a Comunhão. Senhor Padre Acílio falou do significado do dia. No fim do café, fomos passar o dia à Praia de Galapos. E aí vai a nossa Borgward, carregada com a rapaziada, alegres como pardais, em revoada. E tudo ficava a olhar para a gente.

O dia estava lindo. Era mesmo um dia de praia. Passámos pela Figueirinha, mas havia lá muita gente e nós o que queríamos era andar à vontade, e assim fomos mais para além, até

Galapos. Ali, sim, era tudo nosso. O sossego, todo o areal, o mar manso, os rochedos com mexilhões, caranguejos e lapas, era tudo à nossa vontade. E assim aproveitámos em cheio. Jogámos, corremos, saltámos, «nadámos, em molhado e em seco, de brucos e de prego e até de pirolitos e gazosas, até doer a pele da barriga», como dizia o nosso cartaz.

Almoçámos no restaurante típico «Areal de Galapos», onde nos foi servido um esplêndido prato de arroz de conserva e uma pinga daquele que até os anjos bebiam.

À tarde, visitaram-nos as mães de Outão, que nos levaram «gelados». Aqui lhes queremos deixar o nosso muito obrigado e também pela merenda que nos deram, quando fomos ao Outão, à festa do Corpo de Deus.

Foi lá ter connosco à praia, a associar-se à nossa festa, o Sepadre José Maria que à noite também nos trouxe de furgoneta. A ele não agradecemos porque é da família...

Foi um dia cheio. E tão cheio que até jantámos era quase meia noite. Mas também vimos o programa todo da Televisão. O pior foi só, ao outro dia, o Isaac que ficou mal no exame da 4.ª classe.

E assim passou a festa do nosso 5.º aniversário.

Ainda não somos «muito grandes» com cinco anos de idade, mas já vamos andando e aprendendo alguma coisa — procurando fazer *pela vida*.

E agora toca a trabalhar. Com um dia de praia até dá gosto o trabalho.

— Uns pensam nos exames. São os apertados e as dores de barriga, mas passam depressa e depois sabe bem. Os da quarta já fizeram e passaram todos, menos um, que teve pouca sorte. Os do Liceu, Crisanto II, Pintassilgo e Rouxinol já fizeram as escritas que correram menos mal. Os da Escola Comercial — Teixeira, Nossa Senhora e Perninhas fazem para a semana.

— Fizemos a colheita do trigo, mas este ano esteve fraco e ainda assim as aves do céu também ajudaram... (mas o Zé da Lenha ficou de relações cortadas com as pombas).

— É, agora, em nossa casa, a época dos pinhões. É vê-los todos a correr para a mata e a trazer os bolsos cheios... Todos partem pinhões, desde o Nautilio até ao Bucha e Teixeira. É também o tempo dos ninhos e todos querem agarrar pássaros e daqui a pouco temos a Casa transformada numa gaiola. São as rolas do Anibal, o melro do Cabanas, a andorinha do Pintassilgo, o picanço do Isidoro muitos outros.

Jerónimo

LAR DE COIMBRA

O Trindade, cronista do nosso lar, devido à sua carga de trabalho sobretudo nesta altura dos exames, passou-me a «pasta». De maneira que começo a minha primeira crónica falando-vos das notícias mais recentes dos estudantes deste nosso Lar de Coimbra.

Actualmente, são os estudantes que dão mais que falar, até porque estamos em plena prova de exames.

Neste ano lectivo de 1959-1960, são 12 estudantes entre os quais, dois na Escola Comercial e nove no Colégio Pedro Nunes, andando dois na Escola do Magistério ao mesmo tempo que andam no Colégio.

O Joaquim e José Carlos, os dois que andam na Escola Comercial nocturna, tiveram passagem de algumas disciplinas do 1.º para o segundo ano. Em Julho, farão exame às disciplinas que lhes restam.

O Dinis, o Caneco e eu, fizemos há dias, as provas escritas do 2.º ano e, agora, aguardamos com muita confiança os resultados!

O Trindade, que anda na Escola do Magistério para ser professor da Obra da Rua, anda agora a estudar arduamente, sacrificando os seus recreios, para tentar... fazer algumas cadeiras do 7.º ano.

Também o Chico anda a fazer o 7.º ano de Ciências, mas deixou Físico Químicas para Outubro. Oxalá não reprove a nenhuma delas que está agora a fazer.

Embora tenha as suas peneiras de dispensar a algumas cadeiras, de volta

e meia anda a queixar-se do estô-mago... com as cólicas de exame, claro.

O António Francisco, que anda na Escola de Enfermagem a tirar o Curso Geral, fez há dias as provas de passagem do 1.º ano.

Elo espera, com confiança, notas satisfatórias porque tudo lhe correu às maravilhas. Aliás, ele trabalhou para isso.

Temos também o Sardanisca que vai fazer exame de Admissão ao Liceu.

Horácio

PAÇO DE SOUSA

xxx Mais uma vez estou a dar notícias, mas agora é de Paço de Sousa, não de Beire. Como os Srs. devem saber, andei no Porto a aprender a trabalhar com os teares. Agora vinha pedir alguma coisa a este respeito.

xxx Os nossos teares estão muito velhos e são muito antigos. Para que se ponham a trabalhar é preciso suar e passar muitos trabalhos, arrelias etc. Agora os senhores resolvam alguma coisa e depois mandem dizer, que nós esperamos por alguma coisa para bem da oficina de tecelagem que é a mais triste de todas as outras. Basta dizer que já foi a casa dos humedecidos! Os senhores devem ficar aborrecidos com a minha escrita de ser muito pedicção mas tem de ser, porque se eu não falo a coisa fica na mesma.

xxx Temos também as nossas abelhas em baixo, precisávamos de cera moldada, e mais alguma coisa que pudesse ser, mas mais a cera que nos faz muita falta. Que os senhores apicultores se lembrem de nós mas principalmente das abelhas que é pena deixá-las ir abaixo.

xxx Somos três rapazes adeptos da música, mas não temos instrumentos nenhuns. Eu já pedi há muito tempo mas a coisa ficou no rol dos esquecimentos. Os senhores façam por se lembrar que gostaríamos cá de ter instrumentos para uma chulada ou meia orquestra sinfónica da Casa do Gaiato. Desejamos muito um acordeon ou uma concertina ou seja tudo o que vier.

Léquila

TOJAL

CONFERÊNCIA: Lembrem-se bem tal como eu, de na última vez não vos relatar notícias algumas da nossa Conferência; e também se há-de recordar da promessa minha em vos recontar óptimas novidades, embora poucas, da nossa modesta sociedade.

Posso pois e com grande satisfação o faço, agora que reapareceu numerosa e singelamente prometedor.

Tivemos, no dia 21 do mês findo, uma reunião a que já estávamos desacomodados, pois já lá vão 5 meses.

De cinco confrades que éramos, reapareceram uns e ofereceram-se outros. E assim poderemos ter, dentro de pouco tempo, o contingente máximo de 13 confrades, o que equivale a um confrade para um assistido. A assembleia teve bastante tempo e no decorrer trocaram-se impressões, recordaram-se desgraças passadas para não ressurgirem no futuro e cremos poder avançar, confiantes, na intensificação duma vida mais séria, em prol da Caridade. É o amor que nos une, que nos sustém e há-de vencer os homens. Feliz o que descobre este Amor, se apodera e irradia d'Ele.

— Ano lectivo muito fraco! Foi um que não pôde, talvez pelas notas, ser admitido...

Fui eu que me tive de sujeitar à lei. Eu neste momento estou horrível. Os nossos Padres não estarão menos. Lá se foi um ano cheio de aborrecimentos de toda a espécie. Que maçada!

Para o ano próximo o trabalho redobra e tudo se complica. É o 5.º novamente e algumas disciplinas do 6.º que interessam. Contudo nem tudo se perdeu. António José passou ao 2.º Ano Comercial; Luís e Sintra, neste momento não sabemos, mas confiamos que serão admitidos para o 3.º Ano Comercial.

Zé do Porto